

EXCLUSÃO SOCIAL DA PESSOA SURDA: POSSÍVEIS IMPACTOS PSICOLÓGICOS

SOCIAL EXCLUSION OF THE DEAF PEOPLE: POSSIBLE PSYCHOLOGICAL IMPACTS

Juliana Sousa da Costa¹ Maria Durciane Oliveira Brito²

Leonardo Santos Miranda³ Hérica Tanhara Souza Da Costa⁴

Maria Clara de Assis Carvalho⁵ Meiriany Gomes Serejo⁶

RESUMO: A proposta deste trabalho acadêmico é demonstrar a importância da inclusão social dos surdos, por meio da utilização da língua de sinais, para a manutenção da sua saúde mental dos indivíduos surdos. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, a partir de artigos científicos publicados entre 2016 e 2019 em plataformas de pesquisa, como a SciELO – Scientific Electronic Library Online e a PEPSIC – Periódicos Eletrônicos de Psicologia, tendo sido selecionados 5 (cinco) artigos de um total de 12 (doze) encontrados. Alguns descritores utilizados foram: relações interpessoais, comunicação do surdo, exclusão social do surdo, importância da LIBRAS e impactos psicológicos da exclusão social. Analisou-se, a partir das informações encontradas, que a exclusão social pode desencadear problemas emocionais e psicológicos na população surda, tais como baixa autoestima, depressão e ansiedade. Além disso, para a sua real inclusão em sociedade, é necessário o uso da língua de sinais.

Palavras chaves: LIBRAS; saúde mental; comunicação; relações interpessoais; exclusão social.

ABSTRACT: The purpose of this academic work is to demonstrate the importance of the social inclusion of the deaf, through the use of sign language, for the maintenance of their mental health for deaf individuals. For this, a bibliographic research with a qualitative approach was carried out, based on scientific articles published between 2016 and 2019 on research platforms, such as SciELO - Scientific Electronic Library Online and PEPSIC - Periodicals of Psychology, having been selected 5 (five) articles from a total of 12 (twelve) found. Some descriptors used were: interpersonal relationships, deaf communication, social exclusion of the deaf, importance of LIBRAS and psychological impacts of social exclusion. It was analyzed, from the information found, that social exclusion can trigger emotional and psychological problems in the deaf population, such as low self-esteem, depression and anxiety. Furthermore, for their real inclusion in society, it is necessary to use sign language.

Key words: LIBRAS; mental health; Communication; interpersonal relationships; social exclusion.

1. INTRODUÇÃO

Através da Lei N° 10.436 a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) foi instituída como o segundo idioma oficial do Brasil, bem como o sistema linguístico de comunicação e

¹Uninassau. julianacostaadventista@gmail.com

² Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Piauí – Campus Parnaíba. durciane@ifpi.edu.br

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Piauí – Campus Parnaíba. leonardophb2015pi@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Delta do Parnaíba. hericasouza047@gmail.com

⁵ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí. maclaraquimica@gmail.com

⁶ Universidade Federal do Piauí. meiriany22serejo@gmail.com

expressão da população surda. Esse fato ocorreu em 24 de abril do ano de 2002 e configurou um importante marco para as comunidades surdas do país (BRASIL, 2002).

Desde então, quase duas décadas se passaram, e apesar de a LIBRAS ter ganhado significativa notoriedade nos dias atuais, por meio dos inúmeros movimentos culturais realizados pelas comunidades surdas e do auxílio das mídias informativas, percebe-se a ausência da Língua no dia-a-dia das pessoas, sobretudo no fazer de profissionais de áreas essenciais para o ser humano, como saúde e educação. Segundo Peregrino (2018), isso se deve ao fato de que a sociedade carrega, em pleno século XXI, estigmas que permeiam não só o uso da língua de sinais, mas a própria pessoa surda.

Barbosa, Freire e Medeiros (2018), ao analisarem a perspectiva sociointeracionista de Vygotsky, reafirmam a importância das relações sociais para a construção e manutenção do conhecimento, pois, para desenvolver suas potencialidades, o ser humano necessita interagir em sociedade, ter as suas capacidades biológicas e habilidades estimuladas, a fim de que possa se desenvolver de forma ampla, demonstrando que a sua aprendizagem não ocorre de forma solitária, mas é fruto de sua convivência em sociedade. Além disso, os autores complementam que a linguagem possui um papel essencial nas relações sociais e no aprendizado, pois é o código utilizado nas trocas entre os indivíduos. Da mesma forma que as pessoas de diferentes países fazem uso de uma língua própria, a população surda de cada país utiliza uma língua de sinais específica, atendendo às suas necessidades biopsicossociais.

Bispo (2016) explica que são altos os índices de estresse e de ocorrência de transtornos mentais, como ansiedade, depressão e fobia social, bem como problemas a nível emocional, a exemplo dos problemas de baixa autoestima, dificuldade na manutenção de relacionamentos amorosos, baixa produtividade no trabalho, entre outras demandas que afetam a qualidade de vida e a saúde mental das pessoas surdas.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é demonstrar a importância da inclusão social na manutenção da saúde mental dos indivíduos com perda auditiva, por meio da utilização da LIBRAS, e os objetivos específicos são analisar a importância da comunicação para o ser humano à luz da Psicologia, entender a necessidade uso desse idioma para a comunicação dos surdos e apresentar algumas demandas provocadas pela exclusão social dos mesmos.

A escolha desta temática ocorreu a partir do interesse de compreender o sofrimento psicológico e emocional enfrentado pelas pessoas surdas, diante da fragilidade e do comprometimento de suas interações sociais em sociedade, motivada pelo fato de que a mesma é predominantemente oral e não tem o domínio da LIBRAS, apesar desta ser a segunda língua oficial do Brasil.

A seguir, alguns tópicos concernentes a esta temática serão apresentados, a fim de proporcionar um melhor entendimento da mesma, iniciando-se pela importância da comunicação de modo geral, depois se comentando a respeito da necessidade da utilização da LIBRAS pelos surdos e finalizando-se com alguns exemplos de demandas apresentadas por estes indivíduos diante da sua exclusão social.

2. O HOMEM: UM SER SOCIAL

Um estudo realizado por Alencar e Francischini (2016) a respeito da Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky e da Psicologia Psicogenética de Wallon evidenciou que as relações sociais e as interações culturais são fatores intimamente relacionados ao desenvolvimento humano. Nesse viés, afirmam que a linguagem representa um fator preponderante, pois contribui para a atribuição de conceitos tanto ao mundo real como ao social, e para o intercâmbio social, que nada mais é do que a comunicação. Pontes (2019) afirma que a linguagem é um fato fenomenal, complexo e organizado e, como tal, está estabelecidos por subsídios múltiplos, distintos entre si e ao mesmo tempo inter-relacionados.

Observa-se que devido às diversidades existentes, não pode haver homogeneidade quanto ao padrão linguístico. No caso dos surdos, por exemplo, a sua comunicação não ocorre de forma oral, como os demais, mas através de sinais e expressões faciais e corporais, sob uma perspectiva viso-espacial, por isso utilizam uma língua de sinais.

De acordo com Del Prette (2018), essa necessidade de interação é observada desde a infância, pois a competência social é um fator imprescindível para o ajustamento da criança na sociedade, bem como para o seu desenvolvimento. Em contrapartida, um repertório social vago pode ser tanto um fator etiológico como um sintoma de instabilidade psicológica. No caso da criança com perda auditiva, o desafio da socialização pode ser ainda maior, pois o uso da língua de sinais inicialmente pode ser alvo de resistência para os pais e familiares.

Em muitos casos, percebe-se que o bem-estar da criança é visto simplesmente como a ausência de problemas, ou ainda sob uma perspectiva materialista, segundo a qual diversão e

conforto são suficientes para fazer a criança feliz; contudo, não se pode esquecer que carinho, afeto, experiências positivas com a família, o sentimento de apoio diante de situações adversas, e outras vivências do campo dos relacionamentos são fatores preponderantes para o desenvolvimento biopsicossocial da mesma.

Em um estudo, Souza (2016) analisou o conceito de saúde humana a partir de uma visão ontológica, a qual fomenta ações que giram em torno do próprio sujeito, ao invés de focalizar apenas a sua dimensão biológica e individual. Em síntese, o pesquisador associou a saúde à práxis social, uma vez que os indivíduos apreendem e intervêm de forma consciente sobre a mesma, relacionam-se e influenciam-se entre si e interagem com a natureza, modificando-a, por meio de sua força trabalho. Dessa forma, o autor reconhece a dimensão social da saúde, sem menosprezar os fatores biológicos, bem como a subjetividade e singularidade do sujeito, mas defendendo a predominância ontológica do coletivo e do social.

Ainda nessa perspectiva, de acordo com a Organização Mundial da Saúde – OMS (2016), o conceito de qualidade de vida compreende um estado de completo bem-estar biológico, psicológico e social, de onde vem o termo “biopsicossocial”, e não apenas na ausência de uma patologia. Portanto, além de critérios físicos, o equilíbrio psicológico e as relações interpessoais são fatores imprescindíveis para a saúde humana.

3. COMUNICAÇÃO DO SURDO

Segundo Garcia (2016), geralmente o diagnóstico da surdez é impactante para a família, e a comunicação, em especial, torna-se uma verdadeira fonte de dificuldades, além das outras a serem possivelmente enfrentadas, especialmente durante o processo de adaptação, e pode haver a necessidade do apoio técnico de profissionais, como psicólogo, fonoaudiólogo, psicopedagogo, entre outros, além do intérprete, que possam ajudar as famílias a tomarem as melhores medidas em prol do bem-estar da criança ou do sujeito surdo, para que este consiga construir a sua identidade dentro da cultura surda.

Fernandes, Klemp e Souza (2016) explicam que o significado de “ser surdo” transcende a não capacidade de ouvir; trata-se de uma percepção diferente do mundo, sob uma ótica predominantemente viso-espacial; é possuir uma própria cultura e identidade e utilizar-se de uma língua de sinais ao invés do idioma utilizado pela maioria. A respeito disso, Silva (2016) afirma que a acessibilidade é um dos direitos básicos da pessoa com deficiência, e no caso da pessoa surda a sua acessibilidade está em ter o acesso à sua própria língua materna.

Para Mellon et al. (2016), quanto mais precoce o diagnóstico da surdez e a exposição à língua de sinais, maior será a probabilidade de o indivíduo surdo ter qualidade de vida, seja no âmbito das relações sociais, da educação e posteriormente no profissional.

Barbosa, Freire e Medeiros (2018) alertam a importância de um diagnóstico precoce da surdez ou da perda auditiva parcial para o desenvolvimento da criança, para que esta tenha uma melhor adaptação ao seu meio social, por meio de estímulos adequados que irão lhe proporcionar uma aprendizagem mais eficiente. Além disso, até o momento do diagnóstico as dificuldades no campo da comunicação e as inúmeras incertezas sobre o que pode estar acontecendo com a criança podem desencadear ansiedade e angústia nos genitores, portanto quanto mais cedo tiverem conhecimento da realidade, melhor. Ainda segundo os autores, a participação da mãe, em especial, é crucial nos anos iniciais de vida do bebê, pois há uma relação de dependência deste para com a progenitora, a qual pode entender melhor as mensagens passadas pelo filho, e conseqüentemente suprir as suas necessidades, ajudando-o a expandir sua conexão com o mundo à sua volta.

Os autores continuam, explicando que alguns sinais, como quietude excessiva e a não correspondência a estímulos sonoros, podem ser detectados pela família nas primeiras semanas de vida do recém-nascido com perda auditiva severa. Nessas circunstâncias, é necessário que os pais procurem um especialista que possa analisar detalhadamente a situação, e caso haja o diagnóstico da perda auditiva, a criança deve passar a ser acompanhada por profissionais, como fonoaudiólogo, psicólogo e intérprete de LIBRAS regularmente, pois estes irão ajudá-la a ter mais qualidade de vida. Porém, segundo estimativas, a maioria das crianças infelizmente começa a ter atendimento somente quando ingressa na escola.

Araújo (2018) explica que muitos pais privam seu filho surdo de aprender a língua de sinais, ou são resistentes em relação à aprendizagem da LIBRAS, e passam a utilizar sinais caseiros para interagirem entre si. Isso, porém, pode comprometer a comunicação entre a criança surda e seus familiares, e até mesmo afastá-los. Contudo, segundo o autor, não se pode culpabilizar a família, pois essas atitudes se devem à sua falta de conhecimentos e ao preconceito arraigado na sociedade de forma geral.

De acordo com a autora, apesar disso, a Língua Brasileira de Sinais é usada pela maioria dos surdos do Brasil, e este uso configura-se em uma forma de conhecerem melhor a sua cultura e a sua própria identidade, apesar de que alguns optam pela oralização, pois

acabam se rendendo às pressões do “mundo oral”. É significativo ressaltar que em ambos os casos podem despertar a ocorrência de preconceito: no primeiro caso, ouvintes podem demonstrar preconceito contra os surdos que utiliza uma língua de sinais, e no segundo, alguns surdos que utilizam a Língua recriminam outros que fazem uso da oralização. Sabe-se, no entanto, que o preconceito é algo tóxico e prejudicial e a utilização de uma língua de sinais é indispensável para todos pertencentes à comunidade surda.

4. TRANSTORNOS ANSIOSOS E DEPRESSIVOS E O SURDO

De acordo com Silva (2016), o sujeito surdo enfrenta em seu dia-a-dia inúmeras situações nas quais a comunicação é um verdadeiro empecilho para a sua acessibilidade em vários locais, inclusive no seu próprio seio familiar. Essa situação pode despertar no mesmo estresse exacerbado e uma série de problemas emocionais, até mesmo psicológicos, como a ansiedade e depressão, pois existe uma espécie de pressão social sobre este, para que se adapte às exigências do universo oralizado que o cerca.

Mediante o resultado de pesquisas, Contrera e colaboradores (2017) postulam que quanto maior o grau de surdez, maior a probabilidade de ocorrência da ansiedade, pois com o maior comprometimento da audição, maiores serão os desafios enfrentados pelo indivíduo, especialmente no campo da comunicação e das interações sociais.

Conforme está expresso no DSM-V – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5^o edição (2015), os transtornos de ansiedade possuem como principais características medo e ansiedade excessiva, incluindo sintomas comportamentais, porém apesar de sua semelhança, a ansiedade e o medo se diferem, pois o último termo se relaciona a um estímulo ameaçador real ou percebido, enquanto o primeiro está relacionado a uma ameaça futura.

Ahmadi e colaboradores (2017) pontuam que a superproteção dos familiares, bem como as situações de julgamento e avaliações pejorativas são prejudiciais à pessoa surda, pois podem desencadear, principalmente entre os jovens, o Transtorno de Ansiedade Social, também conhecido como Fobia Social, que, segundo Pirani e colaboradores (2017) compreende um medo constante que o indivíduo possui de estar exposto a situações de julgamento alheio, que o façam se sentir constrangido ou menosprezado.

Segundo Perlim e Vilhalva (2016), além dos demais obstáculos, a pessoa surda do gênero feminino ainda enfrenta rótulos equivocados, de incapacidade ou de que possui

alterações em sua sanidade mental. Santos, Lima e Silva (2016) ponderam que essas e outras crenças negativas impregnadas na sociedade podem influenciar a sua autoimagem e ocasionar problemas de autoestima.

Suhani e colaboradores (2016) acrescentam que possivelmente essa suscetibilidade que as mulheres surdas têm de passarem por situações que lhes façam experienciar sentimentos de medo e estresse possivelmente justifica os gráficos que apontam índices de ansiedade maiores entre elas do que no público masculino.

Além dos transtornos de ansiedade, Cosh e colaboradores (2017) alertam que devido às limitações do cotidiano às quais os indivíduos com perda auditiva são submetidos, como a falta de acessibilidade, a comunicação pobre e a exclusão social, estes podem desenvolver, gradativamente, sintomas depressivos. Dados da Organização Mundial da Saúde – OMS (2018) revelam que nos próximos anos a associação entre surdez e depressão deve aumentar muito ao redor do mundo, devido ao envelhecimento da população e a questões políticas, econômicas e sociais.

A Associação Americana de Psicologia (2018) conceituou a Depressão como um transtorno afetivo multifatorial que pode causar, entre outros sintomas, tristeza persistente, anedonia, isto é, perda ou diminuição do sentimento de prazer, alterações no apetite e no sono, dificuldade de concentração e tendência ao isolamento.

5. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada a partir de uma revisão bibliográfica, a qual foi baseada em artigos acadêmicos encontrados a partir de buscas no Google acadêmico, os quais foram produzidos entre os anos de 2016 e 2019 e publicados em algumas revistas, como SciELO – Scientific Electronic Library Online e PEPSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia. Prodanov e Freitas (2013) ponderam que a revisão sistemática de literatura é um estudo acerca de estudos previamente realizados sobre determinado tema, a fim de dar aprofundamento ao tema.

A abordagem do trabalho é qualitativa, pois, cumprindo a descrição realizada por Minayo (2013), configurou uma espécie de reflexão acerca da temática abordada, analisando-se fatores, como cultura, crenças e aspectos sociais do fenômeno, que no caso estava relacionado aos surdos..

Foram encontrados 12 (doze) artigos, dos quais selecionaram-se 5 (cinco). Os critérios de inclusão do artigo foram o ano de produção, que foi de 2016 a 2019; a língua, que poderia ser Português e Inglês; além disso, os artigos deveriam ser encontrados no Google Acadêmico e previamente publicados em revista. Foram excluídos os trabalhos publicados antes de 2016. Os descritores da pesquisa foram: comunicação; comunicação do surdo; exclusão social do surdo; importância da LIBRAS; impactos psicológicos da exclusão social; relações interpessoais.

6. ANÁLISES E RESULTADOS

Monteiro, Silva e Ratner (2016) afirmam que a surdez propriamente dita não é uma barreira na vida dos indivíduos surdos, pois, em adaptação à ausência da audição, seus outros sentidos funcionam de forma bem mais desenvolvida, e as suas outras capacidades funcionam normalmente. Em contrapartida, a incapacidade de se comunicarem com as pessoas à sua volta, por utilizarem-se de uma língua de sinais enquanto a grande maioria das pessoas utiliza a oralização, representa uma limitação significativa em suas vidas, especialmente quando nem mesmo seus familiares, professores e/ou pessoas próximas dominam a língua de sinais, tendo em vista que isso diminui ainda mais o seu campo de comunicação.

Os autores explicam ainda que a falta de interação entre os indivíduos surdos e seus pais pode desencadear sérias consequências na vida dos primeiros, inclusive a âmbito psicológico e emocional, pois o apoio da família é essencial para o desenvolvimento dos mesmos e também contribui para minimizar os impactos desencadeados pelas manifestações de preconceito da sociedade.

Ariaporan (2016) aponta que o ambiente escolar é um outro meio contribuinte para a ocorrência ou o aumento da ansiedade nos estudantes surdos, pois a maioria das escolas fornece um plano de ensino baseado na oralidade, ao invés de optar pelo ensino bilíngue ao menos nas turmas que contenham algum aluno surdo ou deficiente auditivo, o que representa uma forte barreira para a aprendizagem desta população. Além disso, a sua comunicação pouco satisfatória com os professores e colegas que não fazem uso de língua de sinais também afetam o seu bem-estar psicossocial.

Ao entrevistarem uma mulher surda, Figueiredo Santos e Molon (2016) registraram uma série de eventos traumáticos, de preconceito, exclusão social e até mesmo bullying, que a mesma experienciou no decorrer da vida. A entrevistada relatou que durante o seu período

escolar sofria diariamente perseguições de colegas, por meio de zombarias, rótulos pejorativos, como “você é burra”, simplesmente pelo fato de ser surda. Além disso, ela também sofria constantemente preconceito de pessoas ouvintes em quase todos os ambientes que frequentava. Devido a tudo isso, passou a ter péssima autoestima, a não querer sair de casa, a ter vontade de “sumir do mapa”. O autor da pesquisa afirma que essas práticas inadequadas, constantemente recorrentes no campo das relações, afetam drasticamente a integridade psicológica de quem o sofre e afetam também a sua identidade e autopercepção.

De acordo com a Associação Americana de Psicologia (2018), tanto a perda auditiva como a depressão podem gerar limitações, e caso não sejam manejadas de forma adequada, inúmeras consequências negativas poderão ser desencadeadas, seja no âmbito familiar, social ou na saúde mental do sujeito.

Schmidt (2018) pondera que tanto a surdez como a depressão podem gerar diversos prejuízos, especialmente se combinados, portanto se faz necessária a realização de mais pesquisas a respeito dessas demandas associadas, pois ainda são escassas. Dessa forma, poderá ser investido futuramente em melhores políticas públicas direcionadas ao público que apresenta tais comorbidades, a fim de proporcionar ao mesmo uma melhor qualidade de vida.

7. CONCLUSÃO

Diante das informações expostas, percebe-se como a exclusão social pode ser prejudicial para a saúde mental da população surda, podendo desencadear problemas de ordem emocional e psicológica, visto que a interação social é uma das necessidades básicas do ser humano, essencial para o seu desenvolvimento.

Para que a comunicação entre surdos e ouvintes possa de fato ocorrer, é necessário o uso da Língua Brasileira de Sinais. Essa língua possui uma natureza viso-espacial, adequada para pessoas com perda auditiva, sendo que cada país possui uma língua de sinais própria.

Além disso, percebeu-se uma escassez de trabalhos acadêmicos voltados para essa temática, diante da dificuldade para selecionar materiais, portanto é necessário, para o bem da população surda, que esse campo de pesquisa seja mais explorado. Assim, poderá ser investido em novas políticas públicas e no aprimoramento de políticas existentes, que melhorem a qualidade de vida e saúde dos surdos.

REFERÊNCIAS

AHMADI, Hamed; DARAMADI, Parviz Sharifi; ASADI-SAMANI, Majid; GIVTAJ, Hamed; MAHMOUDIAN-SANI, Mohammad Reza. Effectiveness of group training of assertiveness on social anxiety among deaf and hard of hearing adolescents. *International Tinnitus Journal*, 2017.

ALENCAR, Eudes; FRANCISCHINI, Rosângela. *Psicologia e Educação: Contribuições de Vygotsky e Wallon*. Revista Especializada Psicologia Escolar, 2016.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 2018. Disponível em: <<http://www.apa.org/topics/depression/index.aspx>> Acesso em 03 de maio de 2020.

ARAÚJO, Andressa Araújo de. *Surdez e Preconceito: Uma análise a partir dos estudantes e dos pais surdos*. São Cristóvão, SE, 2018.

ARIAPOORAN, Saeed. Mathematics motivation, anxiety, and performance in female deaf/hard-of-hearing and hearing students. *Communication Disorders Quarterly*, 2016.

BARBOSA, Alessandra dos Santos; FREIRE, Bruno Pinto; MEDEIROS, Jarles Lopes. A aprendizagem e o desenvolvimento do surdo na perspectiva sociointeracionista de Lev Vygotsky. *Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 2018.

BRASIL. Lei N° 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – e dá outras providências. Brasília, 2002.

CONTRERA, Kevin J.; BETZ, Josh; DEAL, Jehnifer, et al. Association of hearing impairment and anxiety in older adults. *J. Aging Health*, 2017.

COSH, Suzanne; VON HANNO, Therese; BERTELSEN, Geir; DELCOURT, Cécile; SCHIRMER, Henrik. The association amongst visual, hearing, and dual sensory loss with depression and anxiety over 6 years: The Tromsø Study. *Int J Geriatr Psychiatry*, 2017.

DEL, Amir; DEL PRETTE, Zilda A P. A relação entre habilidades sociais e análise do comportamento: história e atualidades. *Análise do comportamento: Conceitos e aplicações a processos educativos, clínicos e organizacionais*, 2018.

FIGUEIREDO SANTOS, Saionara; MOLON, Suzana Inês. Preconceito e bullying na constituição de uma professora de LIBRAS: Experiências de uma surda. *Revista Educação Especial*, 2016.

GARCIA, R. R. O. *Qualidade de vida da pessoa surda no ambiente familiar*. Dissertação (mestrado em ciências da saúde) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS: DSM-V. 5 ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.
MELLON et al 2016 – 09 – 16. Should all deaf children learn sign language? PEDIATRICS vol 136, number 1, July, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. – 13^o ed. – São Paulo, SP, Editora Hucitec, 2013.

MONTEIRO, Rosa; SILVA, Daniele Nunes Henrique; RATNER, Carl. Surdez e Diagnóstico: Narrativas de surdos adultos. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Administração da OMS, 2016, 2018. Disponível em: <http://www.who.int/en/> Acesso em: 05 de maio de 2020.

PEREGRINO, Giselly. Preconceito e educação: Desafios à escolarização de surdos no século XXI. Curitiba: CRV, 2018.

PERLIN, Gladis; VILHALVA, Shirley. Mulher Surda: Elementos ao empoderamento na política afirmativa. Revista Forum, 2016.

PIRANI, Zabih; AFSHAR, Rezvan; HATAMI, Atiyeh. Effectiveness of cognitive behavioral therapy for social anxiety in adults with hearing loss. Auditory and Vestibular Research Journal, 2017.

PONTES, Edel Alexandre Silva. A LINGUAGEM UNIVERSAL: Matemática suas origens, símbolos e atributos. Revista Psicologia & Saberes, v. 8, n. 12, p. 181-192, 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, Cora Linhares; LIMA, Ana Paula Soares; SILVA, Josenildo Tertuliano Santos. Caso X: Relatos de uma jovem surda. In Anais ao 8^o Encontro Internacional de Formação de Professores. Aracaju, SE, 2016.

SANTOS, Israel Bispo. A qualidade de vida de surdos adultos usuários de LIBRAS de Curitiba e região metropolitana. Curitiba, 2016.

SCHMIDT, Jeane Gabriele. Depressão e perda auditiva em adultos no Brasil: Dados da pesquisa nacional de saúde, 2013. Dissertação (mestrado acadêmico). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

SILVA, Letícia Oliveira. Adaptação da escola de coping de Billings Moos (ECBM) para surdos: Um estudo piloto (Dissertação de mestrado). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, Brasil, 2016.

Revista Psicologia & Saberes

ISSN 2316-1124

v. 9, n. 19, 2020

SOUZA, Diego de Oliveira. A saúde na perspectiva da 'ontologia do ser social'. Trabalho, Educação e Saúde. Rio de Janeiro, v. 14 n. 2, p. 337-354, 2016.

SOUZA, Monica M. Martins; KLEMP, Daniela Silva; FERNANDES, João Carlos Lopes. Surdo – o mundo que ninguém ouve. Augusto Guzzo Revista Acadêmica, São Paulo, v. 1, n. 18, p. 297 – 315, feb. 2017. ISSN 2316-3852. Disponível em: <https://fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/412> Acesso em 25 de abril de 2020.

SUHANI, Raluca Diana; SUHANI, Mihai Flaviu; BADEA, Mîndra Eugenia. Dental anxiety and fear among a young population with hearing impairment. Clujul Medical, 2016.